

ROGÉRIO ANDRADE BARBOSA

MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO

FNDE

PNBE
2005

CONTOS AFRICANOS

PARA CRIANÇAS BRASILEIRAS

VENDA

PROIBIDA



ILUSTRAÇÕES: MAURÍCIO VENEZA

 **Outlines**

AMIGOS, MAS NÃO PARA SEMPRE

Em Uganda, no coração da África, os contadores de histórias dizem que, antigamente, o gato e o rato viviam juntos e eram muito amigos.

Os dois parceiros plantavam, colhiam e, depois, armazenavam os produtos de seu trabalho em pequenos celeiros de barro cobertos de palhas.

Um dia, o rato resolveu que deviam guardar o leite também, da mesma forma como os homens faziam para não passar fome durante a estação da seca:

– De que jeito? – questionou o gato. – Em poucos dias, o leite ficará azedo.

– Deixe comigo – respondeu o rato. – Eu aprendi como as mulheres preparam um tipo de manteiga que eu adoro, a qual elas chamam de *ghee*.

Então, sob o comando do rato, os dois amigos deram início ao longo processo. Assim que acabavam de ordenhar as vacas, de chifres enormes, punham o leite numa sacola de couro, durante alguns dias, para fermentar. Depois balançavam a bolsa, pendurada por uma corda no galho de uma árvore, para lá e para cá. Em seguida, retiravam a espuma que ia formando-se no topo, colocavam-na numa panela e ferviam até que a manteiga ficasse no ponto.



No fim da estação das colheitas, os compadres tinham um pote cheio de *ghee*. Para que o gosto ficasse melhor, adicionaram nele uma série de temperos. Mas ainda havia um problema para resolver.

– Onde vamos guardar o *ghee*? – perguntou o gato. – Tem que ser num lugar seguro, pois não confio muito em você – falou o felino, olhando com desconfiança para o amigo. – Conheço bem as suas fraquezas.

– Você tem razão. O simples cheiro do *ghee* me deixa com água na boca. Vai ser difícil resistir – conformou-se o rato.

– Pra ser sincero, o *ghee* não estaria a salvo comigo também – replicou o gato, alisando os bigodes.



Depois de uma longa discussão, concordaram que o melhor lugar para esconder o *ghee* seria no interior de uma velha igreja, construída pelos missionários europeus.

– O templo é um lugar tão sagrado como as árvores cultuadas pelos povos que habitam a floresta. Ninguém vai ter coragem de mexer ali – opinou o rato.

– É mesmo – apoiou o gato. – Além disso, o *ghee* ficará protegido contra a ação de insetos e vermes.

À noite, protegidos pela escuridão, o gato e o rato esconderam o pote cheio de *ghee* num canto da sacristia, onde o pastor guardava os documentos da igreja.





Quando a estação das secas chegou, o gato e o rato se alimentaram com os produtos que haviam armazenado nos celeiros. Havia bastante comida para os dois. Mas o rato não parava de pensar no *ghee* que ele ocultara na igreja.

– Será que não estragou? Como é que deve estar o gosto agora? – pensava o pequeno roedor.

Morrendo de vontade de provar um pouquinho do *ghee*, ele planejou uma boa desculpa:

– Tenho de ir à igreja. A filha de minha irmã vai ser batizada e ela pediu que eu fosse o padrinho.

– Está bem – disse o gato, sem desconfiar de nada.

O rato, tão logo chegou na igreja, pegou o pote, destampou-o e começou a comer.

– Ai que delícia – elogiava, com a boca toda lambuzada de manteiga.

Antes de sair, ele cobriu a vasilha de barro e guardou-a cuidadosamente no mesmo lugar.



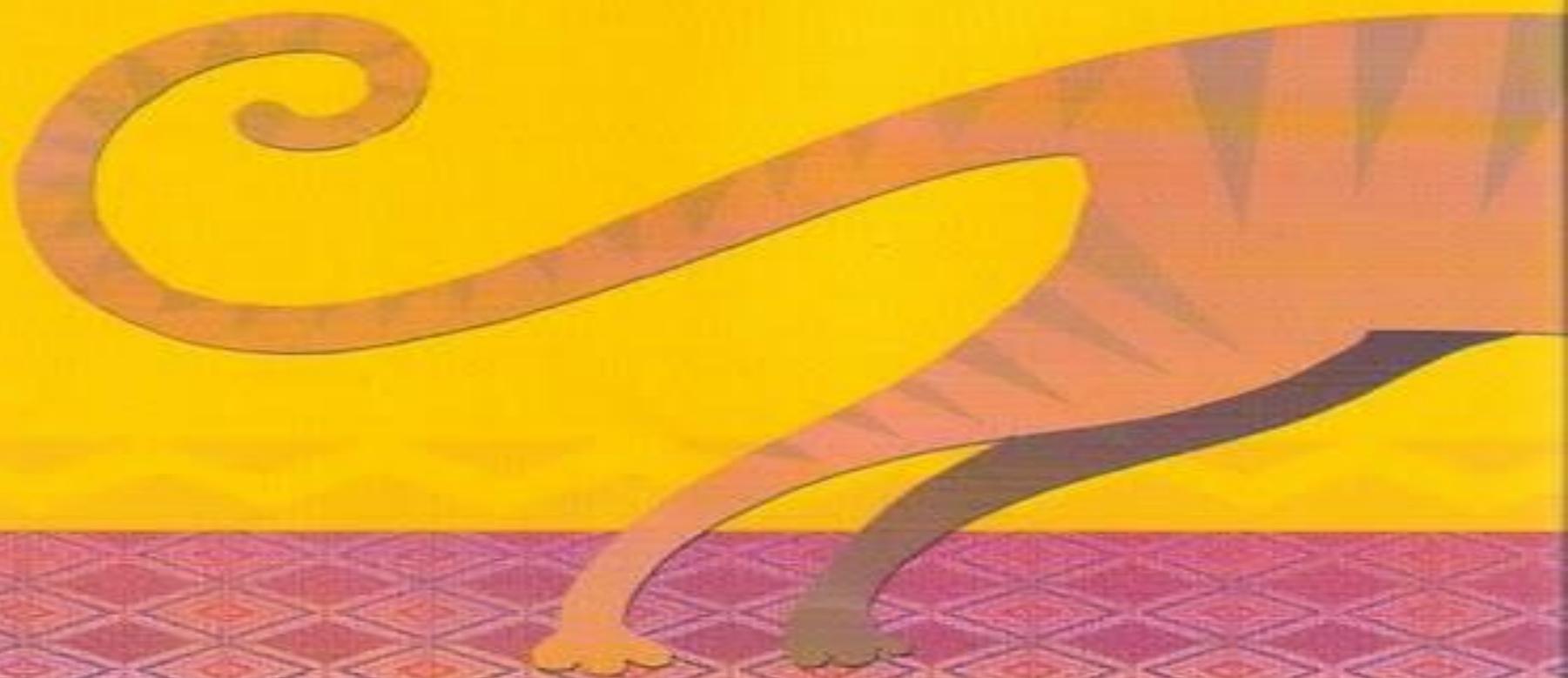


– Como foi a festa? – perguntou o gato, assim que o rato retornou com uma cara toda satisfeita.

– Foi ótima.

– Qual o nome que deram para o filho de sua irmã?

– *Quase cheio* – respondeu o roedor, lembrando-se de como havia deixado o pote.



Dias depois, o rato, convencido de que o gato era mais fácil de enganar do que imaginava, resolveu provar mais um pouco do *ghee*.

– Fui convidado para outro batizado – mentiu ele.

Na volta, com a barriga estufada, disse que o nome do recém-batizado tinha sido *Metade*.

– Que nomes estranhos a sua família dá aos filhotes – comentou o gato, sem perceber que estava sendo passado para trás.



O rato decidiu continuar com suas incursões até que o *ghee* acabasse. Ele, sempre que voltava da igreja, inventava novos nomes para os parentes batizados, de acordo com o conteúdo do pote, que ia diminuindo a cada visita. O último nome, lógico, só podia ser *Vazio*.

Quando a comida estocada nos celeiros acabou, o gato chamou o rato e disse:

– Agora podemos pegar o *ghee* que guardamos na igreja.

– Sinto muito, mas não posso acompanhá-lo. Estou me sentindo mal – desculpou-se o rato.

Então, o gato foi até o templo sozinho. Quando ele abriu o pote, levou o maior susto.

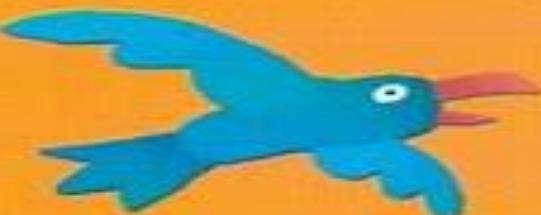
– O quê? Não tem nada! – esbravejou. – Isso não pode ser verdade – lamentou-se o bichano, rolando de raiva pelo chão.

Quando o gato chegou em casa, pronto pra dar a má notícia, descobriu que o rato tinha feito a trouxa e desaparecido no meio da floresta.

– Só pode ter sido esse traidor! Agora entendo os nomes esquisitos que ele ia inventando: *Quase cheio, Metade, Um pouco, Pouquinho, Vazio...*

Desde esse dia, o gato vive à procura do rato. Mas o roedor, assim que escuta o miado do implacável perseguidor, foge correndo para sua toca.





O JABUTI DE ASAS

Os jabutis, contam os mais velhos, sempre foram respeitados por sua sabedoria e prudência. Mas, por causa da ganância de um deles, todos os parentes passaram a ter o casco rachado.

Há muito tempo, um jabuti soube que uma grande festa estava sendo organizada pelas aves que viviam voando entre os galhos das florestas.



– Eu também quero ir – disse ele, pondo a cabecinha para fora do casco.

– Mas a festa vai ser no céu – explicou um papagaio. – Como é que você vai voar até lá?

O jabuti ficou com uma cara tão triste, que os pássaros, com dó dele, resolveram ajudá-lo.

– Olhe, nós vamos emprestar algumas de nossas penas para você.

E assim foi feito. A passarinhada, com pedacinhos de cordas, amarrou plumas coloridas nas patas dianteiras e traseiras do jabuti.

– Pronto, agora você já pode voar – comemoraram os pássaros. – Mas tem outra coisa. Nessa festa cada um tem de usar um nome diferente. Qual vai ser o seu?





O jabuti, astucioso, depois de pensar um pouco, disse:

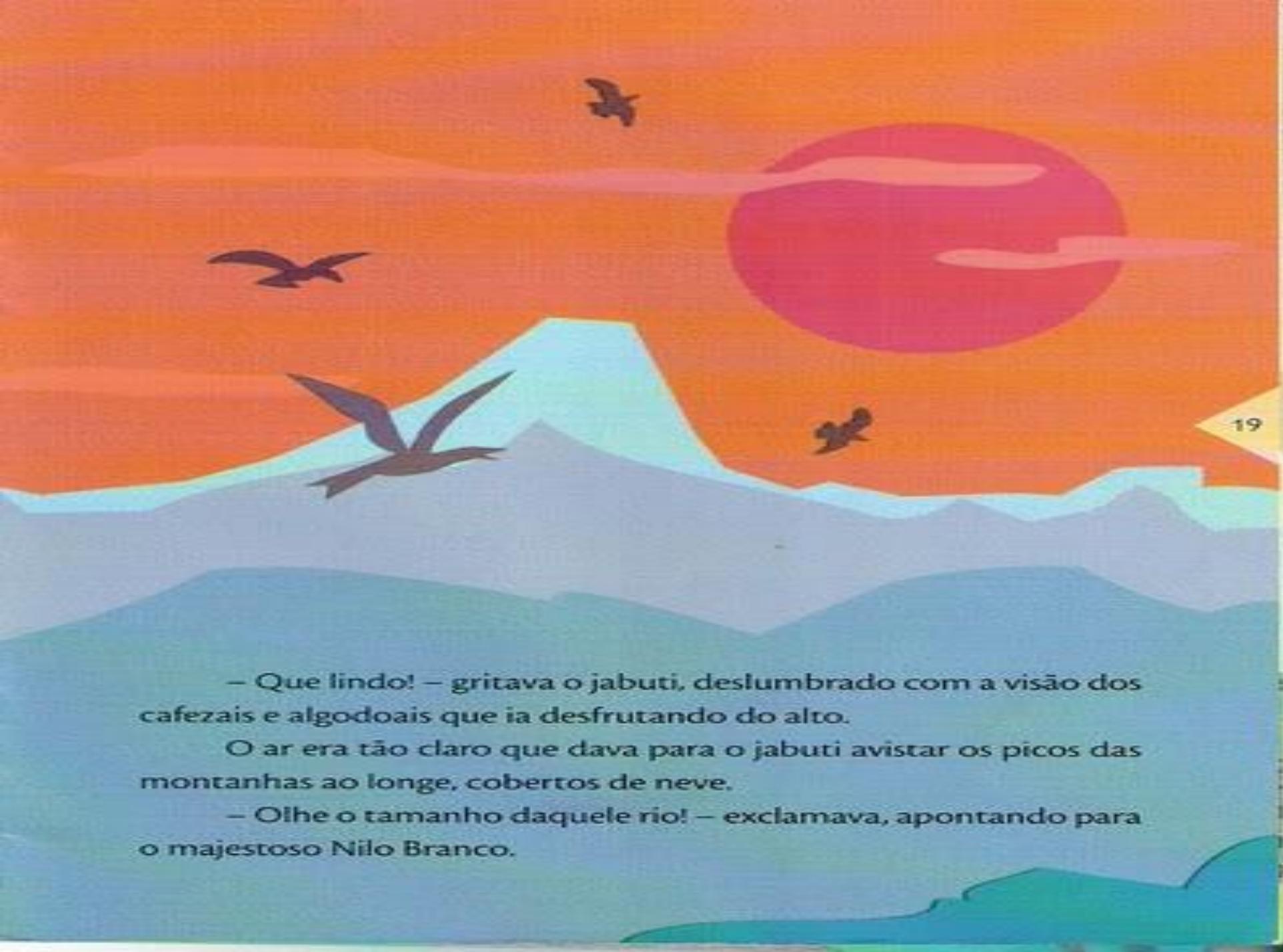
– *Pra Todos.*

Na manhã seguinte, quando os galos começaram a cantar, os convidados já estavam acordados, prontos para partir rumo à festança.

Só que a viagem levou mais tempo do que pensavam, pois o jabuti não sabia voar direito e atrasou todo mundo.

Para ele decolar foi um custo. Os céus da África nunca tinham visto um ser voador tão desajeitado como aquele jabuti de asas reluzentes.





– Que lindo! – gritava o jabuti, deslumbrado com a visão dos cafezais e algodoads que ia desfrutando do alto.

O ar era tão claro que dava para o jabuti avistar os picos das montanhas ao longe, cobertos de neve.

– Olhe o tamanho daquele rio! – exclamava, apontando para o majestoso Nilo Branco.

Por isso, quando alcançaram o céu, a festa já tinha começado. Uma mesa enorme para o café da manhã, coberta de frutas, aguardava havia tempo pelos retardatários.

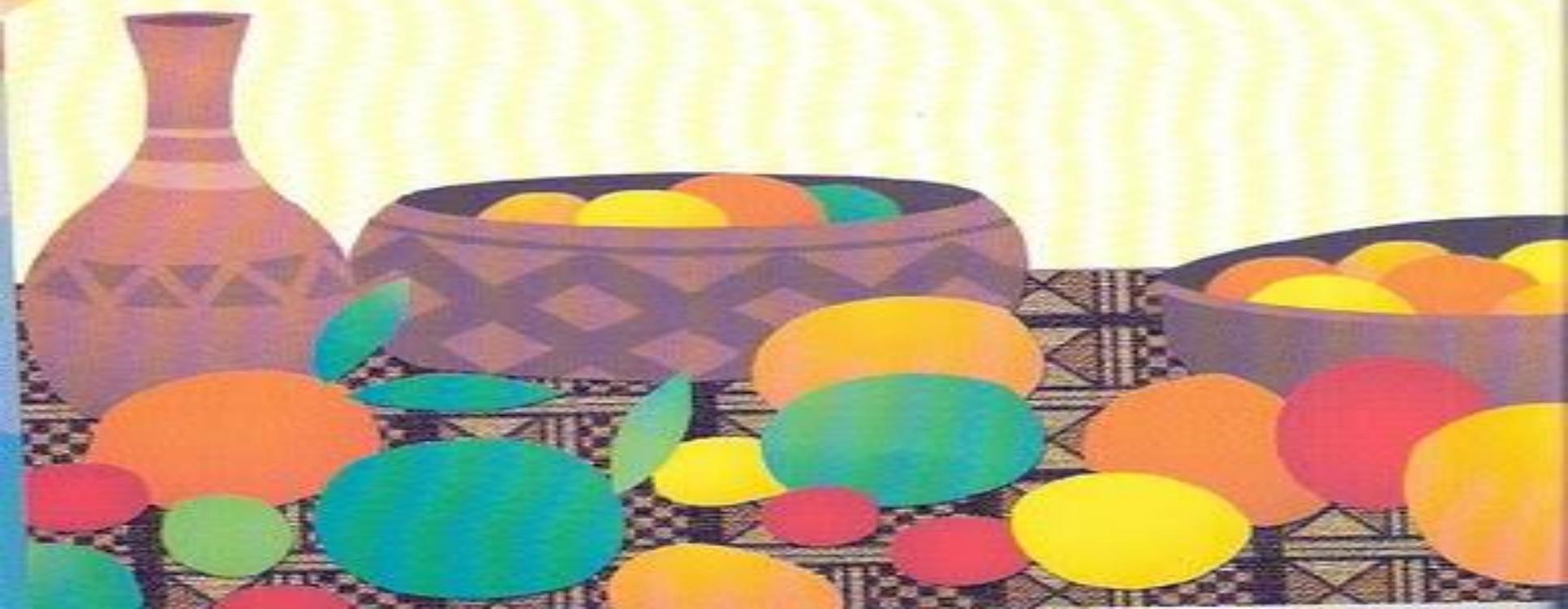
A passarada, de acordo com velhos costumes, perguntou:

– Pra quem a comida vai ser servida primeiro?

A dona da festa, uma águia imponente, foi quem respondeu:

– Pra todos.

– Então é pra mim – disse o jabuti, avançando nas guloseimas, enquanto os pássaros observavam, sem poder fazer nada.



A festa continuou animada até a hora do almoço. E, novamente, a cena se repetiu.

– Pra quem é o almoço? – tornaram a perguntar os pássaros.

– Pra todos – disse a anfitriã.

O jabuti, sem perder tempo, comeu tudo outra vez.

Na hora do jantar, foi a mesma coisa. O bando de aves, esfo-meado, resolveu ir embora. Mas, primeiro, exigiu que o jabuti devolvesse as penas que haviam emprestado a ele.

– Entregue tudo – disseram os passarinhos, arrancando as plumas em torno das patas do jabuti.





Antes que os pássaros voassem de volta à floresta, o jabuti fez um pedido:

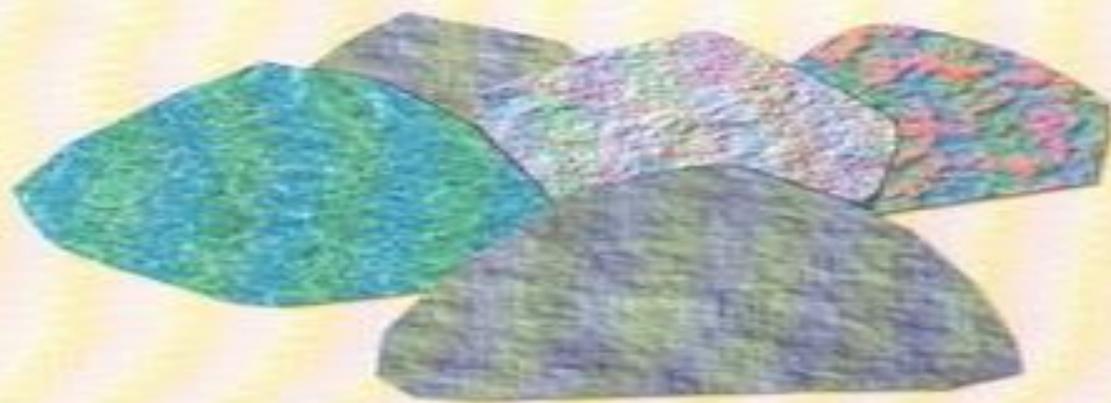
– Por favor, passem na minha casa e peçam para minha mãe colocar um monte de capim em frente à nossa porta – implorou.

– Para quê?

– Para eu não me machucar quando pular do céu – disse o espertalhão.

Os pássaros, zangados, quando chegaram à terra deram o recado errado para a mãe do jabuti:

– O seu filho pediu para a senhora colocar umas pedras bem grandes na entrada da casa.





Resultado: o jabuti se esborrachou contra os pedregulhos. Por sorte, não morreu. A mãe dele é que teve um trabalho danado pra remendar os pedaços do casco todo arreventado.

Por causa do tombo, os descendentes do jabuti, além de passarem a andar muito devagar, carregam essa couraça rachada até hoje.





Trabalhei como professor voluntário, a serviço das Nações Unidas, durante dois anos em Guiné-Bissau, na África.

Desde que retornei ao Brasil, escrevi dezenas de livros para crianças e jovens, muitos deles baseados na fantástica literatura tradicional africana.

Recebi vários prêmios, até mesmo no exterior (Lista de Honra do IBBY, em 2002).

Hoje, graças a meus livros, realizei o sonho de menino. Viajei pelos cinco continentes e, também, participei de feiras de livros e congressos em Cuba, México, Alemanha, Colômbia e Suíça. Atualmente, sou diretor-executivo da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil (AEI-LIJ).

Rogério Andrade Barbosa



Para criar as imagens deste livro, usei muita intuição e uma pitada de tecnologia. E memória afetiva. Afinal, histórias como estas, em versões um tanto diferentes e com características particulares, fizeram parte da minha infância. Ou melhor, da infância de muitos de nós, brasileiros, compondo o enorme caldeirão de influências que é nossa cultura. Sempre fico impressionado ao ver como os contos tradicionais aparecem em vários pontos do globo, em lugares muito distantes um do outro. O que mostra que, muito antes da televisão e da internet, essas histórias já possuíam uma extraordinária capacidade de correr mundo. E voar mais longe que um jabuti.

Maurício Venezia

